

ANTUNES FILHO & o Recife

Trazido ao Recife pela ILUSIONISTAS CORPORAÇÃO ARTÍSTICA.

Produção executiva Simone Figueiredo

O Recife recebe Antunes Filho em seus 80 anos: um homem cuja trajetória se confunde com a do Teatro Brasileiro: palmas para ele. (por Moisés Neto)

Apreciar uma obra de Antunes é uma experiência com sabor de tradição e ruptura. Das suas videiras sai um vinho usado para o ritual artístico da mais sublime qualidade. Uma breve olhada no seu currículo nos faz respirar fundo. Ouvi-lo é um aprendizado, assisti-lo, uma atitude. Quando Simone Figueiredo me disse que ele voltaria a Recife e que com muito carinho disse a ela que gostaria de estrear aqui a sua nova montagem (*A Falecida*) isso me transmitiu muita ternura. A vida desse homem vale por um manual de Teatro: em 1952 ingressou, como assistente de direção, no TBC, ao lado de Ziembinski, Adolfo Celi, Luciano Salce e Ruggero Jacobbi estreou como diretor com *Week-end*, (Noel Coward). Em 1958 aprendeu *O Diário de Anne Frank* e levou o prêmio de melhor diretor pela Associação Paulista de Críticos de Artes e pela Associação Carioca de Críticos Teatrais). Explorando as fronteiras estéticas do realismo, sua peça *Plantão 21* levou à cena trinta atores (estréia de Laura Cardoso). Seu ritmo era impressionante, afirmam os registros. Em 60, ele foi para a Itália (um estágio no *Piccolo Teatro*). De volta ao Brasil dirigiu *As Feiticeiras de Salém*, numa abordagem épica que impactou crítica e público. Dirigiu Eva Wilma um texto sobre a vida proletária (enfoque marxista) e declarou: "Se massacrar é obrigar o ator a estudar, a assumir responsabilidade do momento em que vive, é fazer do ator o senhor dentro do palco e dentro da história em que ele participa, então, nesse sentido, massacre o ator. Eu o quero independente, eu o quero senhor absoluto do palco (...) o ator terá que ser ao mesmo tempo cientista, artista, físico, matemático, professor de literatura, político e sociólogo. Pode ser meio utópico o que vou dizer, mas o ator será a grande síntese do conhecimento humano. (...) Se mostrar tudo isso ao ator é massacrar, então eu o massacre". Em *Vereda da Salvação* ofereceu ao elenco laboratórios físicos e psíquicos. *A Falecida*, *A Megera Domada*, *Júlio César*, *Black-Out*, *Peer Gynt*, *Bonitinha*, *mas Ordinária*, *Ricardo III*. foram algumas peças que marcaram sua carreira de diretor. No cinema, o temos no filme *Compasso de Espera*, que trata das questões raciais. Na TV, dirigiu a série de teleteatro que incluiu *Vestido de Noiva*. Após ter conduzido grandes atores, em interpretações inesquecíveis, Antunes volta-se para os jovens e surge *Macunaíma* a partir de uma oficina teatral, em torno da obra de Mário de Andrade. Antunes Filho sempre procurou novas formas de expressão teatral. Detentor de forte personalidade, seu método de trabalho busca do maior conhecimento possível sobre o universo da peça. No final da década de 70, sua montagem de *Macunaíma* teve consagração internacional, percorrendo cerca de 20 países. Antunes aprimorou seu método de tornar os atores criadores de um processo e de uma linguagem. Era a construção de uma dramaturgia a partir de um texto literário. Ao criar em 1982 o Centro de Pesquisas Teatrais (CPT), viabilizado pelo Sesc SP, montou peças como: *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*, *Paraíso Zona Norte*, *Novas e Velhas Estórias*, *Macbeth – O Trono de Sangue*, *Gilgamesh* e *Drácula e outros Vampiros*, *A Pedra do Reino* (trazida à nossa cidade em 2007 (por Simone Figueiredo) com impressionante sucesso que comoveu o próprio Suassuna que aplaudiu de pé o espetáculo). Ele dedica-se exclusivamente ao CPT. Na série *Prêt-à-Porter*, ele leva adiante a metodologia que

desenvolve ao longo sua vida artística. É ou não é uma honra ter este profissional estreando uma obra sua no Recife?

“Um Turbilhão de Imagens”

Assim como os textos de Nelson Rodrigues quebram com o entendimento comum da realidade, contendo uma diferente noção de tempo, espaço, causa e efeito e buscando o homem no macro, na sua essência, a encenação de Antunes Filho para a peça “A Falecida” não poderia ser diferente. Ele coloca a vida caótica e entrecortada como o fulcro da estética da peça, que vem como inovação de todos os seus trabalhos já realizados. A proposta traz misturas de tempos e espaços, fazendo com que aos olhos do público se transforme em um verdadeiro holograma, como se fossem folhas de transparências sobrepostas umas nas outras. Personagens dividem o palco sem interagirem: se cruzam e não se olham, falam ao mesmo tempo e não se escutam, uma cena imbrica na outra e como pano de fundo, um bar, assim como um visto nas ruas, cheio de clientes, especialmente em um dia de calor, é mantido em cena durante toda a peça indicando uma teia temporal e espacial. Cada integrante deste bar traz consigo uma história e um caráter não desenvolvido e devidamente exposto, mas que está, de alguma maneira, presente o tempo todo e apenas a indicação destes seres já proporciona à peça um universo de realidades múltiplas convivendo juntas num mesmo espaço, o palco. Em meio a este bar, surgem os ambientes da peça demarcados somente pelas ações das personagens que transitam se destacando do mesmo modo que uma estampa colorida em um tecido preto e branco, podendo ser elas, desta forma, uma representação de todos que nele estão, como se Zulmira, Tuninho, Timbira, fossem uma daquelas pessoas sentadas naquele e em tantos outros bares. Diante de tantas informações sonoras e visuais, o público como expectador, ou até como parte integrante de todo o cenário, terá sua atenção “sacudida” e será levado de um acontecimento ao outro sem que perceba e sem que tenha tempo de análises.

Ao mesmo tempo em que aparentemente tudo se coloca de forma simples e corriqueira, feito apenas com algumas mesas, cadeiras e atores, um turbilhão de imagens, sensações e movimentações ocorre na encenação que aparece como imagem da vida cotidiana onde somos bombardeados por tanta informação: seja na rua, quando estamos andando e milhares de coisas estão acontecendo a nossa volta como um assalto, uma pessoa gargalhando, carros passando, criança chorando; ou, seja em ambientes fechados, onde temos a televisão que é uma fonte de informações rápidas que podem mudar com um simples toque no controle remoto ou por um corte de comercial. Somos rodeados por tantas coisas que não temos tempo de aprender e olhar para nenhuma delas, quando focamos em algo logo somos interrompidos, cortados. Vivemos viciados em um dia-a-dia frenético, percebemos tudo e nada ao mesmo tempo, não se tem mais caminhos a percorrer, não se tem mais tempo nem distância, tudo acontece ao mesmo tempo, tudo está pronto e ao nosso alcance em um “pisar de olhos”. Participamos muitas vezes de ações que não são de vontade própria, que não são nossas, mas sim de interferências que acabam sendo incorporadas e que dão a ilusão de uma autenticidade. Comemos à frente da televisão, falando ao telefone e anotando algo sem perceber que

estamos picotando nossa vivência de sensações. A completude de cada momento não existe mais, até mesmo nossos sonhos, nosso poema, são entrecortados e viciados pelo que vivemos, não temos mais espaço para criar e voar em nossa imaginação e nem sentir o que está tão próximo de nós.

Natalie M. Pascoal

“Vapt-Vupt: A Falecida” de Nelson Rodrigues

Não consigo ficar imune a devaneios com as palavras de David Bohm em seu livro “A Totalidade e a Ordem Implicada – Uma nova percepção da realidade” : “ *a ordem implicada é particularmente adequada para o entendimento dessa totalidade ininterrupta no movimento fluente, pois na ordem implicada a totalidade da existência está dobrada dentro de cada região do espaço (e do tempo). Portanto, qualquer que seja a parte, o elemento ou o aspecto que possamos abstrair no pensamento, ele ainda envolve o todo dobrado em si e, por conseguinte, está intrinsecamente relacionado à totalidade (totality) de onde foi abstraído. Assim, a totalidade (wholeness) permeia tudo o que está sendo discutido, desde o começo.*” E conclui logo adiante: “ *Num organismo vivo cada parte cresce no contexto do todo, de modo que não existe independentemente, nem pode dizer que meramente “interage” com outras, sem que ela própria seja essencialmente afetada nessa relação.*”

Instintivamente, em escala bastante reduzida, mas de maneira, creio, não inadequada, sou levado por extensão ao dobrado, às sobreposições que o cinema desde Méliès e a televisão depois (novelas, publicidades nos intervalos, etc...) exploram há muito tempo. Isso sem falar das notáveis imagens paralelas realizadas pela vídeo arte, manifestação que é considerada hoje em dia a mais importante e contemporânea das artes. Como se isolar ou isolar qualquer coisa na situação que vivemos, bombardeados por todos os flancos com acontecimentos e informações hiper-reais? Os esbarrões e cotoveladas que se leva numa cidade tão populosa como São Paulo, o ônibus que passa bloqueando a visão, placas e outdoors coloridos com mil ofertas, alguém sendo assaltado que mal avistamos, as interrupções comerciais em meio à dramática novela da TV: o carro último tipo subindo no topo do Everest, o helicóptero que com seu vôo fantástico resvala uma antiquíssima caravela pirata e num estupendo corte vemos a bordo caixas de um tradicional rum, a criança chorando na cozinha, a velha que sorri num cartaz na traseira do ônibus, satisfeita com seu novo cartão de crédito. A nossa atenção, portanto a nossa consciência, é bombardeada por todos os lados e percebam que não citei os trilhões de celulares com seus torpedos e suas musiquinhas personalizadas que tocam aqui, ali, por todos os lados, o fax, a internet com seus sites e blogs, etc, etc. Não se consegue mais ter uma imagem isolada, pura, cristalina, sem todas essas interferências.

O enamorado não consegue pensar em sua amada se não tiver um carro, um refrigerante em sobreposição. Vivemos absolutamente carregados de imagens e informações.

Sobre a porta de entrada na sala de ensaios do CPT há uma inscrição com as seguintes palavras de Kazuo Ohno: *De maneira nenhuma, pode-se dizer que não haja nada num palco vazio, num palco que se pise de improviso. Pelo contrário, existe ali, um mundo transbordante de coisas. Ou melhor, é como se do nada surgisse uma infinidade de coisas e de acontecimentos, sem que se saiba como e quando.*

“Vapt-vupt: A FALECIDA” de Nelson Rodrigues é um espetáculo que pretende experimentar alguns ângulos dessa nova percepção e tornar aquilo que parece improvisado, uma interferência sem sentido, feio, anti-estético, numa componente fixa e significativa. Estar aberto a insólitas relações. Quando com dificuldade não conseguimos entender ou ver claramente um acontecimento, seja em lugar público, entre ombros e cabeças, ou num espetáculo teatral, a nossa imaginação vem sempre nos socorrer preenchendo os vazios.(A F)

22/03/2009 - 14h54min

ANTUNES FILHO

O Universo de Antunes Filho

Com incentivo do Funcultura, a Ilusionistas Corporação Artística apresenta no Recife a imperdível mostra “O Universo de Antunes Filho”, sobre o trabalho de um dos encenadores mais instigantes da cena teatral brasileira (Macunaíma, Vereda da Salvação, Paraíso Zona Norte e Nova Velha Estória, entre outros clássicos), que comemora 60 anos de carreira e 80 anos de vida, com várias atividades. Agende-se:

Espetáculos:

“**Foi Carmem**” (foto), sábado e domingo, 21 e 22 de março, às 20h, no Teatro de Santa Isabel (Ingresso: R\$ 20 e R\$ 10). Uma obra poética concebida sobre o imaginário popular a respeito de Carmem Miranda. Sem uma base textual, a peça pretende estimular uma reflexão sobre o fetichismo e os estereótipos. O espetáculo foi realizado para comemorar o 100º aniversário de Kazuo Ohno, no Japão, em 2005.

“**Coletânea Prêt-à-Porter**”, de terça a sexta, 24 a 27 de março, às 20h, no Teatro Hermilo Borba Filho (ingresso: R\$ 10 e R\$ 5). A montagem resgata muitas significações já quase esquecidas nos seres humanos de hoje: a sensibilidade, o sentimento, o paciente fazer do homem, o gesto perdido, a palavra esquecida, o encontro fortuito, tudo o que trazemos dentro de si. É o grande exemplo do método teatral Antunes Filho.

“**A Falecida: Vapt-Vupt**”, em estréia nacional, sábado e domingo, 28 e 29 de março, às 20h, no Teatro Armazém (ingresso: R\$ 10 e R\$ 5). O texto de Nelson Rodrigues ganhou um novo título que remete à rapidez da vida. A peça trata do subúrbio carioca e

traz à cena o cotidiano comum de muitos brasileiros: falta de dinheiro e assistência médica, além da paixão pelo futebol. A personagem-título, Zulmira, sonha com um enterro glorioso, numa trama que mescla drama, farsa e comédia.

Ciclo de palestras (com a presença de importantes artistas e pensadores do teatro brasileiro, como Sebastião Milaré e J. C. Serroni), de segunda a sexta, 24 a 28 de março, a partir das 14h, no Teatro Apolo, gratuito.

Maiores informações: 2138 0678 / 0691.

foto: (Emídio Luisi/divulgação)

" A função da crítica teatral no novo século" por Sebastião Milaré

A cultura dramática o capacita à análise e discussão do fenómeno estético. Ao jornalista ao cabe ater-se ao facto e não interpreta-lo; deve ser tão imparcial quanto possível. O crítico é também objectivo, mas interpreta o facto (no caso, a obra colocada em cena) Nada impede que uma pessoa exerça ambas as funções com muita competência.

“Já ouvi vários críticos - e dos bons - colocarem-se como *espectadores privilegiados*. Permito-me discordar deles.”, diz Milaré. “Na verdade, o bom crítico domina um instrumental teórico que pouco espectador possui, e tem o olho treinado para ver sutilezas, movimentos e gestos cénicos, conseguindo imediatamente relacioná-los à obra ou ao pensamento poético que os inspira ou que se pretende materializar cenicamente. Dessa relação é que nasce o ponto de vista crítico. Assim, o crítico é um especialista e não um "espectador privilegiado".

A leitura constante de boas críticas ajudará o leitor a educar a sensibilidade, a desenvolver capacidade analítica, habilitando-se à perfeita fruição do produto estético - deixa de ser mero "consumidor".

O crítico tem ligação orgânica com o trabalho criativo, na medida em que busca junto dos criadores cénicos estabelecer perspectivas para a interpretação da obra e ele faz ponte entre a criação estética e o público, buscando captar a dinâmica da produção teatral e organizando sua mostra em determinados locais.

“Creio que a função da crítica teatral neste novo século continua essencialmente a mesma, porém dinamizada e difundida por novos espaços, afirma Milaré. “Justamente esses novos espaços é que devem ser avaliados, otimizados, de modo que a crítica possa readquirir seu sentido didático, provocador e criativo.”

Ao longo do século 20 a encenação foi adquirindo autonomia, separando-se da literatura, da qual tradicionalmente era entendida como subproduto. As revoluções dos conceitos cênicos protagonizadas por diretores, como Antunes, abriram horizontes incidindo em novos paradigmas, novas linguagens, conferindo à encenação peculiaridades que a tornam um tipo de expressão singular, único, provido de dinamismo próprio.

Não faz mais sentido fechar-se numa interpretação teórica do original e não admitir que possa haver diferentes leituras da obra, considerando "um erro" qualquer interpretação diferente da sua.

Antunes Filho desabafou certa vez, frente a confusão de conceitos de alguns críticos em comentários sobre montagens suas: "Não se pode ver os novos paradigmas com o olhar velho". E essa é uma grande verdade.

Sobre a análise de Milaré sobre o encenador Antunes Filho, anota o crítico e editor Jacó Guinsburg: "Trata-se de um percurso que, na realidade, se entrelaça intimamente com o do moderno teatro paulista e, por extensão, brasileiro, de modo que o panorama traçado extrapola, por todos os títulos, a experiência particular do diretor do CPT. Intimamente relacionada com todo o movimento teatral da segunda metade do século XX, o painel resultante, cujo foco é a carreira de Antunes Filho, acaba invocando e expondo histórica e criticamente os caminhos da arte dramática contemporânea. Na verdade, neste lançamento da coleção Estudos da Editora Perspectiva, Sebastião Milaré proporciona a quem estuda e faz teatro no Brasil um livro de conhecimento indispensável".

O ator em primeiro plano

Publicado no JC em 24.03.2009

Fabiana Moraes [EMAIL]fmoraes@jc.com.br [/EMAIL] Considerado o maior pesquisador da obra antuniana no País, o crítico Sebastião Milaré abre hoje, às 14h, o Ciclo de Palestras (com exibição audiovisual) do evento Universo Antunes Filho no Teatro Apolo. Aqui, ele fala sobre as rupturas provocadas pelo encenador no teatro nacional, além de analisar sua produção em relação ao trabalho de Nelson Rodrigues, autor do texto A falecida, que será encenado no próximo fim de semana no Teatro Armazém.

JC – Você é uma referência no País na análise da obra antuniana. A partir desse olhar apurado, quais os trabalhos realizados pelo autor que demarcaram uma nova fronteira no cenário teatral do País, além de Macunaíma?

MILARÉ – Vários espetáculos de Antunes Filho, ao longo da sua carreira, representaram avanços do nosso teatro. A montagem de Vereda da salvação, de Jorge Andrade, no histórico TBC – Teatro Brasileiro de Comédia, em 1964, por exemplo, constituiu profunda subversão dos códigos teatrais e abertura para processos renovadores. Assim como Peer Gynt, de Ibsen, em 1971, no qual o processo de “criação coletiva” era, ao mesmo tempo, manifesto político e artístico como poucas vezes se viu

na cena brasileira. Depois veio Macunaíma, em 1978, cujos valores estéticos foram festejados em duas dezenas de países dos cinco continentes. Mas o fato é que essas obras representavam momentos importantes de uma pesquisa ininterrupta. Em espetáculos como Plantão 21 (1959), Yerma (1962), A falecida (sua primeira versão para a peça de Nelson Rodrigues, realizada com alunos da EAD – Escola de Arte Dramática de São Paulo, em 1965), A megera domada (1965), A cozinha (1969), atestavam sua contínua evolução e surgiam, à época, como paradigmas para o teatro vigente. Com Nelson Rodrigues, o eterno retorno (1981), não só desvelou o aspecto mítico da obra de Nelson Rodrigues, como abriu uma fase de criação cênica à luz da psicologia analítica, desembocando logo depois em elementos da mecânica quântica, que oxigenou o teatro brasileiro e se desdobrou em contínua investigação estética, que desde então vem beneficiando toda a produção teatral brasileira.

JC – Antunes cobra de seus atores – e de todos os profissionais que com ele trabalham – um engajamento intelectual, um interesse por uma cultura para além do teatro, um compromisso ético e social. Como tais posturas, na sua opinião, são recebidas e digeridas pelo público que vê as peças do CPT?

MILARÉ – Creio que o público não percebe claramente tais posturas, mas recebe muito bem seu resultado prático: a excelência interpretativa do elenco e a beleza dos espetáculos em todos os aspectos de sua constituição. Nas últimas décadas, inúmeros jovens revelaram-se atores e atrizes de nível surpreendente nos espetáculos de Antunes Filho, justamente pelo rigor com que são preparados. Isto vale tanto para a preparação intelectual, apoiada em extensa bibliografia, que abrange várias áreas do conhecimento, quanto pela disciplina, que envolve intensos exercícios físicos e permanente reflexão crítica sobre comportamento e atitude do indivíduo frente à sociedade. Tudo isso, na verdade, implica a formação do intérprete teatral, na concepção de Antunes Filho. O ator deve ser, antes de tudo, cidadão consciente da sua função social, cultivar permanentemente sua cultura, e ter absoluto domínio da sua arte. Tais conceitos se estendem a outras áreas da criação cênica, como à dramaturgia, à cenografia, à iluminação, ao designer sonoro etc.

JC – Onde Antunes e Nelson Rodrigues se integram (esteticamente, ideologicamente) e onde eles se afastam (nos mesmos termos)?

MILARÉ – Não há como separar estética de ideologia, já que é o sistema de idéias que produz o resultado estético, para o bem ou para o mal. Nesse sentido, Antunes Filho e Nelson Rodrigues acham-se inexoravelmente unidos e integrados. A ideologia de ambos é o homem brasileiro, consistindo a permanente reflexão sobre a condição humana nestas paragens tropicais.

JC – Num momento onde os coletivos teatrais se popularizaram, diminuindo um cenário povoado pelos grandes diretores (panorama muito forte nos anos 80), como a figura de Antunes se mantém e se renova?

MILARÉ – Os processos criativos de Antunes Filho sempre contemplaram e dependeram do coletivo. O próprio Macunaíma foi uma criação coletiva, com decisiva participação dos atores e demais criadores cênicos, na adaptação da obra e na elaboração do espetáculo, sob comando de Antunes Filho. O Grupo Pau-Brasil, depois renomeado Grupo de Teatro Macunaíma, foi uma das primeiras cooperativas criadas no

teatro brasileiro, fornecendo modelo importante para a constituição dos “coletivos” que hoje dominam a produção cênica nacional. Embora tenha sido desde o início grande, festejado e debatido encenador, Antunes Filho sempre colocou em primeiro plano o ator. Nomes consagrados, muito antes do impacto de Macunaíma, como Raul Cortez, Stênio Garcia, Laura Cardoso, Eva Wilma, o tiveram e o têm como mestre. De modo que o trabalho de Antunes, em todos os momentos, favoreceu o surgimento de coletivos teatrais. Essa atitude e seu inestimável talento, sua genialidade, são fatores que o mantém atual e em contínua renovação (atualização).

JC – Como surgiu seu interesse pela obra antuniana? Quais as principais contribuições do autor e de que maneira ele instituiu uma nova maneira de pensar o teatro no País?

MILARÉ – Meu interesse pela obra antuniana surgiu quando era ainda garoto e tive o privilégio de ver sua versão cênica para a Yerma, de Federico García Lorca. Foi então que o teatro, como alta expressão artística, contaminou-me inteiramente. Desde esse momento acompanho o trabalho de Antunes Filho. Tive a felicidade de, mais tarde, tornar-me seu amigo. E nesse meio tempo, deixei as veleidades adolescentes de ser “artista”, graças ao imenso interesse que me foi dominando pela área teórica. E também nesse sentido, o desejo de melhor compreender os processos criativos desse grande encenador teve importância na escolha do caminho. Suas contribuições para o teatro brasileiro são inestimáveis. Ele não instituiu uma “nova” maneira de pensar o teatro, mas estimulou a necessidade de atualizar constantemente o pensamento, o conhecimento, não só do teatro, mas de todas as coisas que constituem o nosso dia-a-dia. E essa atualização constante de todas as coisas, fatalmente nos traz novas maneiras de pensar o teatro, ou o fazer artístico e a fruição das artes.

» *Ciclo de Palestras e Exibição Audiovisual. Hoje, às 14h, “Territórios Poéticos de Antunes Filho” com o palestrante Sebastião Milaré. Local: Teatro Apolo, Conteúdo: abordagem teórica aos processos estéticos desenvolvidos por Antunes Filho no CPT – Centro de Pesquisa Teatral. Às 16h30, exibição do vídeo Macunaíma.*

“Teatro tem que incomodar”

Publicado no JC em 18.03.2009

O diretor Antunes Filho chega hoje ao Recife para iniciar uma verdadeira maratona de peças, oficinas e palestras que compõem o evento Universo Antunes Filho, no qual estreia nacionalmente a peça A falecida. Com quase oito décadas de vida e comemorando 60 anos de teatro, ele mostra que, apesar de ter se estabelecido como um dos principais encenadores do País, não se acomodou na confortável condição de medalhão: além de experimentar uma nova linguagem em sua nova versão do texto de Nelson Rodrigues, ele cobra uma postura mais profissional e combativa dos grupos e diretores de teatro do País. “É preciso fazer por merecer, não dá para bancar quem fica na comediazinha”, diz ele, que promete cutucar tanto o espectador quanto quem faz teatro em seu novo trabalho. A seguir, Antunes fala sobre seus piores momentos no palco (“inesquecíveis”), critica o texto denúncia e os autores que dão preferência aos produtos estrangeiros. A entrevista foi concedida a repórter Fabiana Moraes.

JORNAL DO COMMERCIO – O gênero que, de maneira contínua, mais lota peças na cidade - e mesmo em outras capitais com forte produção teatral, como Curitiba - é aquele que explora o “humor pancadão”, que muitas vezes naturaliza a pobreza e denigre a platéia. O que essa realidade tem a nos dizer?

ANTUNES FILHO – É preciso criar um processo, tem que se discutir teatro, para o bem, para o mal. Em nosso encontro aí vamos falar de teatro, aliás acho os intelectuais dessa área aí em Recife uma coisa extraordinária, acho superiores aos de São Paulo, inclusive. Agora, também precisa ver os bens públicos, né? (risos), tem que ajudar, colaborar... me parece que aí estão até ajudando (refere-se ao incentivo de pouco mais de R\$ 115 mil que o Funcultura concedeu ao projeto Universo Antunes Filho), não é?

JC – No sentido de políticas públicas, você acredita que São Paulo deu um passo à frente em relação ao resto do País?

ANTUNES – São Paulo, Brasília, Rio... têm certos privilégios, eu acho. Se fazem coisas, se procura arrancar um pouco as coisas, fazendo. Se ficar quieto, se não fizer teatro pra valer... Você precisa do estímulo para ralar – e para estimular o poder econômico público a ajudar. Agora, ficar só fazendo comediazinha pancada, aí não vai ajudar, vão dar dinheiro pra quê? Acho que o pessoal de teatro deve fazer por merecer, tem que puxar obras, obras importantes, espetáculos importantes, incomodar, estar por dentro, entendeu?

JC - A impressão é de que existe às vezes um certo cansaço nesse sentido, então é melhor ir por uma via mais fácil...

ANTUNES – Tem que formar grupos fortes, um grupo forte, dois grupos fortes, três.. aí sai. Se ficar só um não dá certo, um sozinho enfraquece, é preciso criar um certo antagonismo para poder caminhar.

JC – Aí em SP, temos exemplos de vários dramaturgos, diretores (Cibele Forjaz, Newton Moreno, Sérgio Roveri, o Grupo 19 de Teatro) que vêm fazendo um contraponto a uma produção Blockbuster...

ANTUNES – Ah, sim, e não só aqui, não somente eles, mas uma porção de outras pessoas também fazem frente, não gostam dessa coisa... e se ficar naquilo (refere-se ainda ao “pancadão”), não tem ajuda mesmo...

JC – Recentemente surgiu uma discussão que acusava o teatro nacional de ensimesmado, autoreferente, falando de si próprio? Você concorda?

ANTUNES – Acho que é o contrário. Aqui em São Paulo, no Brasil, tá muito pouco. A gente vê comédia de costumes, dramas internacionais e muito pouco na verdade que fala da mãe pátria (rios), do Brasil, entendeu? Por exemplo, nós do CPT, aqui do Macunaíma, de certa maneira só fazemos autores nacionais, novos e não novos. E quando não tem o que fazer, põe tragédia grega ou Shakespeare, aí eu ponho os clássicos, compreende? Nós temos uma veia assim, Brasil, Brasil. Acho que não tá se discutindo muito o Brasil, isso eu acho que tá faltando na dramaturgia brasileira. Estão fazendo assim, denúncias aqui, acolá, mas denúncia em si não é nada, o que tem que se

discutir é a estrutura para que se dê tal denúncia. A dramaturgia tem que discutir estruturas. Agora, ficar falando “isso tá errado, não tá”... o jornal fala isso todo dia. Não vejo os autores preocupados em discutir a estrutura, o porquê do errado.

JC – Sobre isso: você tem uma postura bastante conhecida, na qual exige de seus atores um compromisso ético, social, intelectual com o teatro. Como você acha que esse engajamento é percebido pelo público?

ANTUNES – Ah, eles percebem, percebem... é diferente, você vê, dá uma outra dimensão ao ator, existem outros chamarizes, ele tem técnica. Agora, o que adianta, se o ator não tem técnica, não pode fazer nada... tem que ficar mesmo no pancadão, não é verdade? Se o ator não tem técnica, não tem conhecimento vocal, físico, o que ele pode fazer? Narrar? Agora o hábito é falar narração, não é? Narrar é isso, você não sabe fazer o papel e aí você narra. Não sabe dirigir? Fala “é um épico”.

JC – Essa pergunta tem relação aos seus 80 anos. Alguma obra sua deveria ser esquecida?

ANTUNES – Ah, sim. Xica da Silva. Não realizei bem, foi mal, uma porcaria. Você quer outra? Júlio César, de Shakespeare, uma vergonha nacional. Fiz em 20 dias, um elenco enorme, grandes atores, mas não consegui. Pensei que pudesse, como acertava em tudo, pensei, “ah, essa eu faço com um pé nas costas”. Enterrei o time. Nem me lembro em que ano foi, esquece, acabou. Julio César e Xica da Silva, dois espetáculos assim, inesquecíveis, no negativo.

JC – Que última peça você viu além dos espetáculos do CPT?

ANTUNES – Foi o espetáculo... é... (demora um pouco a lembrar)... Rainhas. Gostei.

JC – E a experiência de montar novamente A falecida? como foi se reapropriar do texto?

ANTUNES – Vou explicar uma coisa: eu precisava de um texto que eu já conhecesse para poder fazer uma experiência de linguagem teatral. Estou propondo uma discussão para ver o que vai dar. É para mudar o olho do espectador e de quem faz teatro também.

A arte do cavalheiro zen

Publicado no JC em 20.03.2009

Começa a série de homenagens ao diretor Antunes Filho e ator Stênio Garcia relembra o processo do mestre

Fabiana Moraes

fmoraes@jc.com.br

“Fazer 80 anos é horrível. Quem diz que é bom tá mentindo. Bom é fazer 18”. Bem humorado e claramente feliz por estar estreando uma peça (Vapt-vupt – A falecida) na

capital pernambucana, Antunes Filho concedeu uma emocionada entrevista ontem para atores, produtores e imprensa local. A emoção tinha um motivo: a presença do ator Stênio Garcia, que veio ao Recife para a abertura do evento Universo de Antunes Filho, que comemora, entre outras efemérides, o aniversário e os 60 anos de teatro do encenador.

O diretor, que, além de ministrar um workshop com atores da cidade ainda vai apresentar dois espetáculos além de Vapt-vupt: a falecida (Foi Carmen e Prêt-à porter), disse que Stênio foi o responsável por orientá-lo naquela que se tornaria uma de suas marcas mais distintas: o método específico e rigoroso de formação de atores. “Foi ele quem me ensinou maluquices como levar o pessoal para a floresta à noite... Adotei muitos de seus métodos e os amplifiquei”, disse Antunes, que, generoso, transformou o encontro em uma homenagem ao amigo nascido em 1932 no Espírito Santo.

Antunes Filho e Stênio Garcia trabalharam juntos na montagem que, para o encenador, representa um corte profundo em sua dramaturgia, Vereda da salvação (1964), de Jorge de Andrade. “Falam que Macunaíma foi a minha melhor peça, mas Vereda é a mais importante em termos de ruptura”, disse. De fato, a montagem realizada no Teatro Brasileiro de Comédia dividiu opiniões com seu realismo levado às últimas conseqüências: sem fazer concessões ao público ou aos atores, Antunes Filho colocou o elenco pelo avesso, fazendo a platéia observar saliva e choro a partir de uma já não tão confortável poltrona. No palco, atores como Raul Cortez, Cleide Yáconis, Araci Balabanian, Lélia Abramo e Ruth de Souza, além de Stênio. “Em Vereda da salvação, nós buscávamos o anti-gesto”, comentou o ator.

Atualmente no ar no folhetim global Caminho das Índias (Globo), ele ainda faria, também ao lado de Antunes, Peer Gynt (1971, de Ibsen), papel pelo qual ele levaria o prêmio Molière de melhor ator. “Eu chamei Stênio para fazer Macunaíma, mas ele disse que não podia. Não te perdô, Stênio”, brincou o encenador, referindo-se ao espetáculo mundialmente premiado, montado em 1978.

O carinho do diretor foi retribuído pelo ator, que contou, para quase agonia de um reservado Antunes, algumas peripécias dos dois na São Paulo dos anos 70. “Íamos ao cinema de mãos dadas ver Kurosawa. Não era coisa de bicha, mas também se fosse não tinha problema”, contou o ator, arrancando gargalhadas do encenador. Garcia ressaltou o humanismo de Antunes em dois momentos: primeiro, ao falar de seu hábito de indicar livros reveladores e essenciais na formação dos atores (citou A arte cavalheiresca do cavaleiro zen), depois, ao contar uma história particular entre os dois.

“Cheguei para Antunes e pedi dinheiro emprestado. Disse ‘Minha mulher está grávida. Vamos fazer um aborto’. Ele me puxou para um canto e passou duas horas conversando comigo, falando sobre a importância da vida. Eu devo a vida da minha filha a ele. Por isso a batizei de Cássia”, disse Stênio, que homenageou o encenador através no nome do seu filho, Cássio. Antunes, calado, estava visivelmente emocionado. Outra história contada pelo ator, desta vez engraçadíssima, foi quando o produtor Faustão o chamou para ser homenageado no quadro Arquivo confidencial. Antunes foi uma das pessoas indicadas por Stênio para falar sobre sua carreira. “Achei que eles não iriam conseguir, mas quando vejo está Antunes naquele telão. Aí ele diz: Ô, Stênio! tá fazendo o que aí? Vai pro teatro! saí daí!”.

TURBILHÃO

A nova peça antuniana, a primeira que ele estreia fora dos limites do Centro de Pesquisa Teatral (CPT) e que segue daqui a três meses para Portugal, instiga o encenador, que experimenta na montagem uma linguagem diferente. Assumidamente clássico, ele foi na vídeo-arte para confeccionar as cenas. Essa influência, no entanto, vai além da citação literal ao suporte: as sobreposições de imagens são realizadas sem a ajuda da eletrônica, somente com atores no palco. Sobre o próximo espetáculo (após Policarpo Quaresma, que está sendo “enxugado”), ele faz suspense: “Está na minha cabeça, mas se eu falar alguém corre e faz”.

Antunes Filho por...

Publicado em 20.03.2009

Mário Viana, dramaturgo, autor de Carro de paulista. Desde o final dos anos 70, não dá mais para falar de teatro brasileiro sem passar pelo nome de Antunes Filho. Os trabalhos que ele desenvolveu junto ao CPT foram fundamentais – tanto na qualidade dos autores escolhidos, na maneira de levá-los à cena, na revelação de grandes intérpretes e até na excessiva adoração do seu método. Antunes acabou gerando involuntariamente uma série de ‘filhotes’, que pensam ter o mesmo talento do original. Não têm. Antunes é diretor obrigatório: a gente assiste, mesmo que saia decepcionado. Porque mesmo nestes casos, há o que discutir. Ele não acerta todas, mas até quando erra tem bons argumentos.

Newton Moreno, dramaturgo, autor de Assombrações do Recife Velho. Antunes é um pesquisador incansável da cena. Temos que festejar um cenário teatral como o nosso que pode contar com artistas inquietos e trabalhadores, como ele. Assisti a vários espetáculos seus e me impressionaram Nova velha estória e Paraíso Zona Norte. Sua gramática cênica tem uma curiosidade invejável de expandir e testar os limites do teatro. Há que se louvar o fato dele conseguir manter um centro de formação de artistas que atrai jovens atores de todo o país e também dedicado à formação de novos dramaturgos.”

Carmen Miranda falada em “fonemol”

Publicado no JC em 20.03.2009

Foi Carmen, com apenas duas apresentações na cidade, homenageia o mestre do botão Kazuo Ohno priorizando o silêncio, só quebrado pela língua criada por Antunes Filho

» *Continuação da página 1*

“Leiam Drummond e Fernando Pessoa para ver a peça. Ela exige um comportamento não comercial, fora desse mundo em que estamos vivendo”. A recomendação do encenador Antunes Filho faz sentido: Foi Carmen, espetáculo que será visto amanhã e domingo, às 20h, no teatro Santa Isabel, bebe no silêncio e na delicadeza para contar a história de um malandro que imagina ter visto Carmem Miranda pelas ruas e passa a segui-la. Mas, como foi dito na coletiva realizada ontem, ninguém deve ir ao teatro imaginando ver uma peça sobre a portuguesa que tornou-se ícone de brasilidade. O espetáculo, antes de tudo, presta reverência aos cem anos (completados em 2005) de Kazuo Ohno, inventor do butô (bu = dança, toh = passo) ao lado de Tatsumi Hijikata.

Feita em apenas 25 dias, Foi Carmen foi realizada de maneira totalmente despreziosa por Antunes, que, surpreso, viu o teatro do Sesc lotar às terças-feiras. “Começou meio capenga e depois começou a ser procurado. Alguns críticos de São Paulo disseram que este é o meu melhor espetáculo, melhor até do que Macunaíma. Vai entender”, comentou.

Esse tempo dilatado presente no espetáculo, que é realizado sem o uso de palavras, só é entrecortado com algumas falas em “fonemol” (ou russo, na piada interna dos atores do CPT). O gestual, assim, torna-se no grande “narrador” da encenação, que vai na outra direção trabalhada no na nova Vapt-vupt – a falecida, que vai na linha do tudo-ao-mesmo-tempo-agora. “Em Foi Carmen há sempre espaço, portas de silêncio, onde o público começa a interpretar e imaginar, trabalha o consciente e o inconsciente da platéia”, diz Antunes que revela ter dirigido montagens de Kazuo Ohno a partir desses silêncios e portas, sempre sentado na sua cadeira de espectador. “Em Foi Carmen eu queria essa delicadeza”, continua.

Além de Carmen Miranda, há também referência a Antonia Mercé y Luque (1890-1936), a La Argentina, bailarina que Kazuo encarnou magistralmente (aliás, sua transformação está lindamente documentada em um livro da editora CosacNaif). O elenco traz atores reverenciados nas últimas peças do CPT: Paula Arruda (a Menina), Emily Sugai (a que foi Carmem Miranda), Patrícia Carvalho (a Passista) e Lee Thalor (o Malandro). O último defendeu um difícilíssimo Quaderna em A Pedra do Reino, que esteve no Santa Isabel em 2007.

Aqui, os atores do grupo Macunaíma afastam-se totalmente da correria do texto de Suassuna para misturar bananas com roupas colegiais típicas das garotas japonesas, butô com samba, malandro com mitos. Enquanto pede certa contemplação da platéia para ver Foi Carmen, Antunes Filho comenta: “Outro dia, vi o espetáculo novamente. É bom, viu, gente? É bonito”.

» UNIVERSO DE ANTUNES FILHO

A poética Carmen em versão butô

Publicado no jornal dO Commercio m 23.03.2009

Fabiana Moraes

fmoraes@jc.com.br

Como superar a imagem construída de um über clichê, daqueles que, pela simples menção do nome, já evocam uma série de representações cristalizadas, difíceis de serem percebidas senão por um olhar não condicionado? É preciso uma nova perspectiva, um novo paradigma, e foi justamente através da apropriação de um novo recorte que Antunes Filho conseguiu levar para o palco do Santa Isabel, sábado, uma Carmen Miranda diáfana além de sacolejante, misteriosa e incômoda além de sorridente. Foi Carmen, espetáculo que abriu a série de eventos que compõem o Universo Antunes Filho, não é exatamente teatro ou dança, tem um enredo mínimo e é falada numa língua que parece mesclar russo, italiano, francês e português (o famoso fonemol). É antes de tudo uma experiência estética, fato que Antunes cifrou antes do início da apresentação. “Entreguem-se. Deixe-se levar. Não fiquem pensando ‘o que será que ele fez desta vez?’”, pediu. Talvez justamente por entender que o espetáculo não siga a linearidade cênica comum, mesmo em relação a produção do Grupo Macunaíma, o encenador tenha justificado com tanta ênfase sua singular empresa em Foi Carmen.

A platéia, que preencheu apenas a platéia e a primeira frisa do Santa Isabel, recebeu a peça (peça?) com carinho, mas percebia-se entre uma inquietação, uma espera por um “o que será que vai acontecer?”. É interessante observar que a mesma ansiedade controlada foi percebida em Shi-Zen – 7 cuias, que o Lume trouxe ano passado para o Festival Recife do Teatro Nacional. As duas montagens, e é esse o ponto curioso, são baseadas no butô, a dança-teatro difundida por Kazuo Ohno, homenageado do espetáculo antuniano.

O butô, o teatro nô e o kabuki servem como instrumentos para “quebrar” a Carmen Miranda que trazemos no imaginário: ela surge como assombração, sem rosto, como uma representação de si mesma, assustando o malandro interpretado por Lee Thalor (aliás, excelente, muito à vontade falando a língua do país CPT). Vai sendo desconstruída em cena: espalham-se no chão seus panos moles de cor alvoroçada, seus balagadãs, suas bananas e tamancos espetaculares. Essa “Carmen oriental”, sem face, é interpretada pela bailarina e coreógrafa Emilie Sugai, da Cia. Tamanduá de Dança-Teatro, fundada por Takao Kusuno, o falecido artista que introduziu o butô no País. É bonito o momento em que ela entra pela primeira vez em cena, toda de preto, com passos curtos que a fazem “flutuar”.

Paula Arruda fez a plateia interagir com a montagem enquanto vive a garota fã da cantora luso-brasileira, muito engraçada com roupa de colegial e frutas na cabeça, dançando enquanto espera alguma reação das sisudas mulheres de preto que repousam ao seu lado. Batia palmas para si – e a platéia acompanhava. A garotinha só surge no início e no fim do espetáculo, quando um malandro entristecido se depara com suas musas – a Carmen sacolejante e a Carmen sem rosto - ambas, apesar do confete e das bananas, mortas, localizadas num passado que se torna ainda mais melancólico com sua voz da cantora em mono, amplificada no palco.

Foi Carmen é quase uma poesia encenada e, de fato, não é espetáculo para grandes platéias. Em tempo: talvez o Santa Isabel não tenha sido o melhor local para o desfrute do silêncio que Antunes Filho tanto citou. A acústica do teatro é boa demais, o que faz qualquer passo ser um estrondo incômodo para uma peça repleta de silêncios. O acesso de tosse da ex-diretora da casa, Leda Alves, que saiu na frisa para tossir lá fora e ainda assim realizou uma espécie de trilha involuntária a Foi Carmen, só evidenciou essa peculiaridade.

Um Antunes Filho em versão franciscana

Publicado no JC em 24.03.2009

Schneider Carpeggiani

E no princípio foi o excesso. Em 1996, Antunes Filho estava em cartaz com Drácula e outros vampiros, espetáculo grandiloquente, com troca de cenários, telões e mais de 30 atores em cena se movendo como numa longa coreografia. A presença humana parecia um recurso a mais e não o foco da encenação (um paradoxo, tendo em vista o caráter humanista da obra de Antunes). Com o fim da temporada, o diretor resolveu que era o momento de retornar ao básico e colocar a figura do ator no centro. No começo de 1998, nascia o projeto Prêt-à-porter, já em seu nono volume.

Prêt-à-porter traz um Antunes Filho “franciscano” e funciona a partir de certas regras: três histórias, cada uma no máximo com meia hora e apenas duas pessoas em cena. Desta vez, os atores arregimentam tudo – texto, direção, escolha de cenários e temática com total liberdade. Eles são agente e elemento do espetáculo. É a interpretação como algo que se estende da pré-produção até o momento em que as cortinas se abrem. “No processo dos ensaios, apresentamos nossas idéias e Antunes sugere mudanças, novas leituras e formas de aperfeiçoar o texto”, explica o ator Emerson Danesi, que participa da Coletânea Prêt-à-porter 2, que entra em cartaz hoje, no Teatro Hermilo Borba Filho e segue até quinta.

O Prêt-à-porter que chega ao Recife reúne momentos dos volumes 6, 9 e 5. Em comum, os três textos trazem Emerson vivendo algum personagem em momento extremo e, como em todo drama agudo, a essência patética e o absurdo do homem emergem. É o caso da primeira das três histórias, Estrela da manhã, sobre a relação entre um transexual e um cirurgião plástico evangélico.

“O cirurgião não pode negar o atendimento ao transexual, apesar de todo seu preconceito, por causa do juramento médico”, explica Emerson. A repulsa faz com que a trama seja marcada por uma contínua tensão sexual.

Em Bibelô da estrada, a relação conturbada de uma ex-prostituta com um cafetão. Esse foi um dos momentos de Prêt-à-porter mais

elogiados pela crítica. Para encerrar, Poente do sol nascente detalha o embate afetivo que surge durante o encontro de uma garota de programa e um executivo.

Emerson ressalta que o perfil contraditório dos personagens das três histórias é proposital: “Eles são tão opostos, que acabam se completando”.

» *Coletânea Prêt-à-porter 2: De hoje à quinta-feira, no Teatro Hermilo Borba Filho (Av. Cais do Apolo, S/N, Bairro do Recife), às 20h. Ingressos: R\$ 10 e R\$ 5 (estudante)*

Sobre a cenografia em Antunes:

Cenografia não é adereço

Publicado no JC em 26.03.2009

JC Serroni é um dos principais cenógrafos do País. Durante quase 11 anos, ele trabalhou com Antunes Filho no CPT, em peças como Matraga, Xica da Silva, Paraíso Zona Norte, Gilgamesh, Drácula e outros vampiros e Nelson 2 Rodrigues. Sua contribuição para esta última montagem foi elogiada pelo New York Times, durante a encenação nos Estados Unidos. JC Serroni participa hoje do ciclo de palestras do projeto Universo Antunes Filho, falando sobre A poética do espaço, na qual abordará o tema O Núcleo de Cenografia do CPT – história, processos estéticos, dinâmica, realizações, a partir das 15h, no Teatro Apolo, no Bairro do Recife.

JC – É possível dizer que há uma cenografia específica do CPT, no sentido de uma linguagem própria?

SERRONI – Do ponto de vista formal, visual, do resultado que se vê no palco, talvez não. Já são 25 anos e nesse período já passaram por lá 6 ou 7 cenógrafos. Há variações. São fases diferentes, inclusive porque o Antunes passa por elas. O que existe sim, e que dá à encenação uma linguagem própria é a “mise-en-scène” do Antunes. Ele sim tem muito forte o desenho das suas marcações em cena, e dos grupos que se movimentam no palco. Isso fica muito claro nos espetáculos da Caixa Preta: Macunaíma, Eterno retorno, Nelson 2 Rodrigues, Matraga, Foi Carmem e Senhora dos Afogados. Nesses casos a cenografia é feita com os próprios atores. Eles, com figurinos, adereços e movimentos que também criam os espaços. Nos casos que existe uma cenografia “física”, há um reforço visual à encenação, mas que sempre se traduz num espaço que continua dando à encenação a liberdade de movimento num palco livre, nu. Essas cenografias foram sempre de contorno, como Xica da Silva que abrigava o espetáculo numa caixa de fios cinza, neutro. Existiam aí a rotunda e pernas penetráveis, eliminando-se o limite entre o “dentro” e o “fora”. Paraíso Zona Norte criava um grande espaço com paredes transparentes cheio de portas. Você tinha o palco sempre livre e a transparência também eliminava também o limite dentro e fora. Em Nova Velha Estória a cenografia era aérea. Os atores circulavam livremente sob um universo de esferas de cristal. Em Gilgamesh reformou-se a caixa preta, mas desta vez, vitrines de vidro eram

trazidas para a cena localizando o espaço dos personagens. Em muito dos momentos o palco continuava vazio. Drácula tinha um piso e um grande telão de fundo. Algumas lápides no proscênio e um anjo de 6 metros complementavam o espaço. Nesse espetáculo, especialmente, a luz entrou como elemento fundamental na construção do espaço. O mesmo formato repetiu-se em Fragmentos troianos e Antígona. Apenas um fundo dava ao espaço os significados do lugar. A cenografia mais implantada que tivemos foi Vereda da Salvação. Embora o palco estivesse também livre, dezenas de troncos de eucaliptos criavam no palco os caminhos a percorrer. Média e Gregório, embora construído em espaços alternativos, fora do palco italiano, também foram muito econômicos em seus elementos. Agora, se pensarmos em termos de processo a linguagem é a mesma sempre. O centro do processo é o ato, tudo é feito em conjunto, com muita pesquisa sempre com um tempo diferenciado no Teatro (as vezes anos) e também sempre indo além das primeiras idéias. Antunes Filho é incansável, instigante, e só define a “cenografia” depois de muitos experimentos.

JC – Você acredita que, de maneira geral, abriu uma nova perspectiva sobre o trabalho do cenógrafo no País?

SERRONI – Sem falsa modéstia, acredito que sim. Não só eu, mas outros cenógrafos, preocupados com uma reflexão cenográfica também contribuem. São poucos. E não foi só o CPT. Existe todo um trabalho paralelo estudando-se os teatros do Brasil, ministrando work-shops por várias cidades brasileiras, escrevendo textos para revistas, promovendo fóruns internacionais de cenografia e arquitetura teatral, a relação com a Quadrienal de Praga, a internacionalização de nossa cenografia, etc. Existe também agora o Espaço Cenográfico: um laboratório permanente de investigação cenográfica que há mais de 10 anos vem trabalhando em prol do desenvolvimento de nossa cenografia. Mas eu diria que o CPT abriu as portas para tudo isso.

JC – Você sabe quantas cenografias realizou para Antunes no período em que lá esteve?

SERRONI – Trabalhei com Antunes antes do CPT na TV Cultura fazendo diversos Teatro 2. No CPT entrei em tempos de Matraga, depois fiz Xica da Silva, Paraíso Zona Norte, Nova velha Estória, Trono de Sangue, Gilgamesh, Drácula e outros vampiros e Nelson 2 Rodrigues, essa uma realizada em Nova Iorque no Teatro de Repertório Espanhol. Lá no CPT, criei o núcleo de cenografia que funcionou sob minha direção por 11 anos, e formei lá inúmeros cenógrafos, hoje muito atuantes. Organizamos pelo CPT diversas exposições, e levamos para a Quadrienal de Praga de 1991 os projetos ali realizados para representar o Brasil naquela mostra.

JC – Você foi responsável pela cenografia de Nelson 2 Rodrigues e Paraíso Zona Norte, as duas, especialmente a última, consideradas antológicas. Que lembranças tem das duas, no sentido da produção dos cenários?

SERRONI – Participei só da remontagem de Nelson 2. A montagem de Nova Iorque me deixou muitas boas lembranças. Meu primeiro trabalho internacional, menção no NY Times, ter morado lá por quase 4 meses com o Antunes, e ter desfrutado muito de perto, muito do seu conhecimento, além de ter conhecido aquela que mais de 20 anos depois seria minha segunda esposa, atriz no espetáculo naquela ocasião, Ana Paula.

JC – A obra rodrigueana, que é constantemente trabalhada pelos grupos de todo o Brasil, é motivo para um sem-número de interpretações, das mais ousadas até as mais clichês. O que ela especificamente lhe evoca enquanto artista?

SERRONI – Nelson Rodrigues quando trabalhado de forma não realista, é inspirador. Aprendi isso com o Antunes. Foi ele quem deu uma leitura mais aprofundada à esse dramaturgo sempre que trabalhado dessa forma, qualquer obra de Nelson pode ser genial para um cenógrafo. Fiz vários com o Antunes, mas experimentei outros diretores, entre eles Gabriel Villela e Eid Ribeiro, com esse uma instigante montagem em Caracas de Toda nudez será castigada.

JC – Você fundou o bem-sucedido Espaço Cenográfico há mais de 10 anos. Durante esse período, realizou outros trabalhos com o CPT?

SERRONI – Fiquei no CPT por quase 11 anos, de 1987 a 2007. No último ano dessa fase, cheguei a participar por quase um ano do início do Prêt-à-porter. Depois me afastei por uns 3 anos, quando criei o Espaço Cenográfico, e voltei para desenhar o Espaço do CPT – 7º andar, um pequeno teatro, móvel, que é usado durante o dia para os ensaios e realizei também outros 3 trabalhos: Antígona, Gregório e Carmem (ainda em cartaz).

JC – Que cenógrafos do teatro brasileiro atual você destaca?

SERRONI – Eu sempre gosto de destacar cenógrafos que se preocupam com a cenografia enquanto conceito, enquanto formação, enquanto discussão. Que estão preocupados também com a infra-estrutura cenográfica. São os casos do: Luís Carlos Mendes Ripper, do Hélio Eichbauer, do Raul Belém, de José Dias, mas não posso deixar de mencionar outros que desenvolvem um trabalho de criação muito importante: como: Daniela Thomas e Márcio Medina, entre outros.

Folha de Pernambuco-27/03/09. A Falecida encerra projeto.

O espetáculo “A Falecida Vapt Vupt” estreia hoje, no teatro Armazém 14, sua curtíssima temporada de três apresentações. A peça encerra a programação de eventos da mostra “O Universo de Antunes Filho” e celebra também o dia mundial do teatro e do circo. Baseada no texto do renomado dramaturgo, Nelson Rodrigues, ‘A Falecida’ fará seu ‘début’ nacional no Recife, com a honra de ser a primeira vez que Antunes Filho estreia um trabalho longe dos palcos de São Paulo. A nova montagem alterou o título para ‘A Falecida Vapt Vupt’, em menção à rapidez da vida e a objetividade do texto de Rodrigues.

Com um cenário minimalista de um bairro do subúrbio carioca, Antunes conta a história de um cotidiano comum a muitos brasileiros, que faz menção a falta de dinheiro, assistência médica e ao futebol entre outras coisas. Como novidade, o diretor se reinventa, mais uma vez, e busca a experimentação através de linguagens de sobreposição, interferências e paralelismos bastante comuns na vídeoarte. Tudo isso permeado pessimismo e o humor cruel tão característico do texto de Nelson Rodrigues, e que Antunes consegue equilibrar misturando o grotesco e o cômico com maestria.

Além dos 27 atores que fazem do CPT, o elenco terá a participação dos atores pernambucanos: Alfredo Borba, Rogério Costa, Manuel Carlos e Jamysson Marques e Hilda Torres, única mulher no grupo. O espetáculo fica em cartaz até o próximo domingo. A mostra “O Universo de Antunes Filho” trouxe para o público recifense um pouco da vida e da obra do renomado diretor, que é hoje um dos principais ícones dos palcos brasileiros.

PROGRAMAÇÃO

Uma data tão importante não poderia passar sem ser festejada. Para comemorar o Dia Mundial do Teatro e do Circo vários espetáculos estão programados para acontecer. A Associação de Realizadores de Teatro de Pernambuco (Artepe) realiza uma ação comemorativa a partir das 9h no Pátio de São Pedro, e, a partir das 18h30 na Praça de Eventos de Camaragibe, presta uma homenagem aos grandes nomes do teatro local. O Projeto “Um Março de Teatro” também marca as comemorações com uma caminhada cultural saindo do teatro do Parque em direção ao Pátio do Carmo a partir das 14:30h. Encerrando as festividades da data o Sesc promove uma vasta programação de oficinas, palestras e debates nas de Santa Rita, Casa amarela e Santo Amaro.

Serviço

“A Falecida Vapt Vupt”

Onde: Teatro Armazém 14

Rua Alfredo Lisboa, Cais do Porto, Bairro do Recife

Quando: 27, 28 e 29 de Março, às 20h

Ingressos: R\$20 (inteira) e R\$10 (meia)

Informações: 81 3424-5613

Diversão / pe360graus.globo.com/diversao/diversao/teatro/2009/03/27

Sexta - 27/03/09 08h05, atualizado em 27/03/09 16h29

No Dia Internacional do Teatro, “Vapt Vupt: A Falecida” estreia no Recife

Peça com texto de Nelson Rodrigues e direção de Antunes Filho será apresentada em três sessões no Teatro Armazém 14, às 20h

Nesta sexta-feira (26) é comemorado o Dia do Circo e o Dia Internacional do Teatro. Para comemorar a data, no Recife, haverá a estreia nacional da peça "Vapt Vupt: A Falecida", de Nelson Rodrigues, dirigida por Antunes filho, um dos nomes mais importantes do teatro nacional.

O espetáculo faz parte do projeto Universo de Antunes Filho, que homenageia os 80 anos de um dos mais importantes diretores de teatro do país e seus 60 anos de carreira.

Antunes Filho já dirigiu uma montagem de "A Falecida" em 1965. Desta vez, porém, a peça ganhou um olhar mais moderno e ágil: é a versão “vapt-vupt”. “A diferença que existe entre a primeira montagem e esta é que na primeira o enfoque era o inconsciente

coletivo”, explica o diretor.

“Desta vez, mudo completamente o enfoque e passo para uma experimentação visual, assumo a comédia de costumes para fazer uma experiência de linguagem teatral”.

"A Falecida" conta a história de Zulmira, uma mulher de classe média baixa, personagem típica de Nelson Rodrigues. Tuberculosa, ela pensa que está perto morte e começa a planejar os detalhes do próprio funeral, com obsessão.

“Tudo para ela é muito intenso e muito forte, então ela pode adoecer de verdade por uma paranóia louca da cabeça dela”, diz a atriz Bruna Anauate, que interpreta a protagonista. “Ele pega essa coisa comum ao ser humano e eleva à décima potência em um personagem arquetípico”.

Só que nem tudo acontece como Zulmira planejou. O funeral luxuoso fica para trás quando o marido descobre que foi traído. “Todos os personagens transitam entre o drama e a ‘pateticidade’ humana”, comenta o ator Lee Thalor, que interpreta o esposo de Zulmira.

O espetáculo mostra também problemas comuns de muitos brasileiros, como falta de dinheiro e a paixão pelo futebol. A peça "Vapt Vupt: A Falecida" fica em cartaz de sexta (27) a domingo (29), às 20h, no Teatro Armazém 14, no Bairro do Recife. Haverá ainda uma sessão extra no sábado (28), às 18h. Os ingressos estão à venda no local e custam R\$ 20 (estudantes pagam R\$ 10).

Já as comemorações pelo dia mundial do circo começam às 14h, com uma caminhada de artistas circenses e do Movimento de Teatro Popular, no centro do Recife. **Confira a programação.**

SERVIÇO:

"Vapt Vupt: A Falecida" (Nelson Rodrigues), com direção de Antunes Filho

Onde: Teatro Armazém 14 - Bairro do Recife

Quando: de sexta (27) a domingo (29), às 20h; sessão extra no sábado (28), às 18h

Classificação: 18 anos

Domingo - 22/03/09 15h34

Torre Malakoff recebe mostra em homenagem ao diretor teatral Antunes Filho

A exposição faz uma retrospectiva da trajetória de Antunes Filho e sua atividade à frente do Centro de Pesquisa Teatral (CPT)

Da Redação do pe360graus.com

A Torre Malakoff abre, nesta segunda-feira (23), às 19h, a exposição ‘O universo de Antunes Filho’, que integra a programação do projeto homônimo em homenagem aos 80 anos do diretor de teatro e coordenador do Centro de Pesquisa Teatral (CPT). A entrada é gratuita.

A mostra segue até o dia 5 de abril e conta com textos, fotos, vídeos e materiais de áudio relacionados ao diretor paulista.

O material, que ocupa quatro salas no primeiro andar do prédio, faz uma retrospectiva da trajetória de Antunes Filho e sua atividade à frente do CPT, criado há 25 anos na cidade de São Paulo.

A curadoria é de Séphora Silva.

Espaços

Na primeira sala, o público confere um esquema sobre a história do CPT através de fotografias de espetáculos, textos e imagens de maquetes das peças.

Na segunda sala, exclusiva para projeções, será exibido o documentário ‘O teatro segundo Antunes Filho’, produzido pelo SESC Consolação de São Paulo, além de um pequeno portfólio sobre os espetáculos já dirigidos pelo autor. Haverá também a projeção de uma obra de Antunes produzida para a extinta TV Tupi.

A terceira sala traz informações de ‘Macunaíma’, peça baseada na obra do escritor Mário de Andrade e dirigida por Antunes Filho em 1978. Ficam expostos cartazes do espetáculo, além de relações de atores e da equipe técnica que participaram da peça.

A quarta e última sala é dedicada ao projeto Pret-à-Porter, encabeçado por Antunes Filho. Fotos de peças nesse modelo ‘pronta entrega’ e registros em áudio de trechos da obra de Antunes compõem a sala.

A peça Pret-à-Porter tem como característica o pouco tempo de duração, cerca de 30 minutos, e o aparente improvisado da encenação, que lembra um ensaio geral’, possibilitando ao público adentrar no universo dos atores.

SERVIÇO

Exposição ‘O universo de Antunes Filho’

Quando: de 23 de março a 5 de abril

Local: Torre Malakoff

A falecida, de Antunes Filho, tem sessão extra neste sábado

Publicado em 28.03.2009, às 12h13 **JC Online**

O sucesso do espetáculo A falecida: vapt vupt levou a produção da peça a realizar uma sessão extra neste sábado (28), às 18h, no no Teatro Armazém 14. Os ingressos estão à venda no local e custam R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (meia).

A peça faz parte do projeto Universo de Antunes Filho, que homenageia os 80 anos de um dos mais importantes diretores de teatro do País e seus 60 anos de carreira.

A falecida é um dos textos mais conhecidos de Nelson Rodrigues, com algumas de suas maiores frases de efeito. Estão lá: “Tudo, menos beijo! Beijo, não! Eu admito tudo em amor. Mas esse negócio de misturar saliva com saliva, não! Não topo! Nunca!”, “A solução do Brasil é o jogo do bicho! E, minha palavra de honra, eu, se fosse presidente da República, punha o Anacleto (bicheiro) como ministro da Fazenda”.

O espetáculo fica em cartaz até domingo. Além da sessão extra, que acontece no sábado às 18h, estão marcadas apresentações para o sábado e domingo, às 20h.

» TEATRO

Peça prova maestria de Antunes Filho

Publicado em 30.03.2009

José Teles

teles@jc.com.br

Desde Macunaíma, de 1978, as encenações de Antunes Filho geram expectativas. O diretor paulista passou a partir daquela peça a fazer um teatro personalizado. Independente do texto o que conta é sua assinatura pessoal. A encenação de A falecida vapt vupt, de Nelson Rodrigues, em estreia nacional, que fechou a mostra O Universo

de Antunes Filho, no Armazém 14, pode ser resumida numa frase de John Lennon: “Vida é o que acontece enquanto você está fazendo outras coisas”.

O cenário é um bar, no qual as pessoas divagam em torno de um copo de cerveja, baralhos, enquanto o mundo gira e a lusitana roda. Um dos fregueses, elegantemente vestido, com jeito de executivo bem sucedido, passa a peça inteira fazendo anotações e fumando. Um casal conversa sem parar. Uma mulher olha para o infinito. Enquanto isso as coisas acontecem. Mas é aí é preciso que o espectador embarque na viagem do diretor, e aprenda a ver as entrelinhas do texto e da encenação. A trama desenrola-se em meio às mesas e aos os fregueses do bar, mas é como se fosse bem longe ali, num subúrbio carioca, cujos personagens pequeno-burgueses são uma fixação de Nelson Rodrigues, tanto quanto sexo e morte.

A falecida é uma peça sobre os temas preferidos do autor, com as exacerbações características de Nelson Rodrigues que amplifica coisas aparentemente triviais, dando-lhe importância que normalmente não se percebe na vida real, com as devidas frases de efeito. O destaque entre os atores que em cena são Bruna Anaute, que personifica Zulmira, e Lee Thalor, que faz seu marido Tuninho, fanático pelo Vasco, e traído pela mulher com um bicheiro. A esposa infiel, tuberculosa, pretende se redimir com um enterro de primeira classe, que seria pago pelo amante. Bruna Anaute é uma Zulmira perfeita, histriônica, exagerada, como exige o texto.

O que diferença esta A falecida vapt vupt (o “vapt vupt” pela velocidade da encenação, apenas 58 minutos) é a direção de Antunes Filho. Não há um único momento dispensável na peça, tudo é devidamente amarrado, até o silêncio dos figurantes. À medida que a plateia vai se ligando na trama é como se estes e o próprio bar se tornassem invisíveis.

Entre os presentes estava o teatrólogo Ariano Suassuna, que confessou não ser um grande fã do teatro de Nelson Rodrigues, mas que admira o diretor Antunes Filho. Este, depois da peça, perguntado o que achou da estreia respondeu que seu papel terminara ali: “Agora é com o público, os críticos”. Se é pela crítica, esta aqui, de quem não costuma escrever sobre teatro, é totalmente favorável. Quando se sai à rua depois de ver A falecida vapt vupt presta-se mais atenção nas trivialidades que estão acontecendo ao nosso redor.